

TERAPIA OCUPACIONAL: FUNÇÃO TERAPEUTICA E SUA AÇÃO EDUCATIVA¹

Jô Benetton

Sonia Ferrari

Solange Tedesco

RESUMO:

PALAVRAS-CHAVE: processo terapeutico, terapia ocupacional, função terapeutica, ação educativa.

A interseção entre a função terapêutica e a ação educativa na terapia ocupacional provoca questões estruturais sobre as particularidades do processo terapêutico. Compreender a especificidade da experiência do cuidar no processo terapêutico implica na ampliação da compreensão das dinâmicas em jogo na relação terapeuta-sujeito-atividades. As necessidades do sujeito alvo reinscritas em uma nova, ou simplesmente em uma outra, história do fazer, traz ao *fazer com* e ao *fazer fazendo* um campo particular do encontro e presença de alguém que ensina, cuida e testemunha a simplicidade de estar, fazer e ser.

Estávamos visitando uma das Bienais com um grupo de alunas especializadas do CETO². Questionávamos a Arte. Perguntávamos entre nós o que podíamos apreciar, o sentido, o sentimento e a beleza. Tão envolvidas na tarefa de partilhar com nossas alunas o entusiasmo, que nenhuma atenção restava para as pessoas em volta que se juntavam. Um rapaz se aproximou muito, à ponto de nos chamar a atenção. Olhando-o ao mesmo tempo o reconhecemos como um antigo paciente. Cumprimentado com euforia e com a questão "o que faz aqui?". Não era alguém que lembrássemos como tendo interesse em Arte, mas sim alguém que algumas vezes desenhava. Sua resposta foi uma agradável surpresa para três educadoras: *Porque vocês estão admiradas de estar aqui? ; afinal foram vocês que me ensinaram a gostar dessas coisas!*

¹ Este artigo é dedicado ao Dr. Rubens Marcelo Volich. Sugerimos a leitura do texto : « O cuidar e o sonhar : por uma outra visão da ação terapeutica e do ato educativo », publicado em O Mundo da Saúde, v.24, nO. 4, julho/agosto 2000, p. 237-245.

² CETO: Centro de Estudos de Terapia Ocupacional. Centro de pesquisa, ensino e clínica em terapia ocupacional fundado há 25 anos e dirigido pelas autoras.

Gostar das coisas, gostar de fazer qualquer coisa não diz de um processo educativo, mas, apreciar o que se faz, ou o que o outro faz é o que determina o sentido da educação pois implica num sentir de outro jeito, do jeito que faz o mundo girar e se encontrar.

Ele tinha apenas onze anos e dizia saber porque estava na terapia ocupacional: *sei que estou aqui porque tenho um problema e "muitas" dificuldades , não gosto de fazer o que as pessoas gostam* . Ele gostava de fazer funcionar e acompanhar o processo de uma máquina de lavar, sabendo por outro lado, que os outros gostavam de jogar bola, video-game, gostavam de "um monte de coisas" e não gostavam do "brinquedo" dele.

Volich (2000), tratando dos processos educativo e terapêutico, conclui: "Assim, deveríamos considerar no processo educativo e na ação terapêutica as fontes internas e individuais dos processos de desenvolvimento e de transformação, a natureza e os desejos individuais daqueles que buscam aprender ou se curar. É importante considerar que, para além do caráter desviante a ser eliminado ou corrigido, existe embutido no sintoma e no "paciente difícil", nas dificuldades de aprendizado e no "aluno-problema" sofrimentos de outra ordem que, sem que o indivíduo se dê conta, demandam também a serem compreendidos."

Já trilhando essa rota terapeutica-educacional, Benetton (1994) escreveu:

"Na terapia ocupacional, como principio existe uma terapeuta ocupacional que deve manter um campo propicio para a realização de atividades. Nele encontramos materiais, instrumentos, e objetos que fazem parte do cotidiano das pessoas, fogão , pias, linhas e agulhas, papéis e tintas, maquinas domésticas e profissionais, instrumentos musicais e outros) e , sobretudo quase nada de neutralidade. Uma situações onde o falar é tomado como uma atividade a mais, e, por estar comprometido com o fazer, assegura um forte compromisso com a realidade externa. Existe ai um caráter psico-educacional estabelecido no sentido do apreender e aprender com a experiência".

Uma máquina de lavar, instrumento doméstico e um gostar são as primeiras informações da experiência do menino que começa a se conhecer e conhecer o mundo e tem uma problemática de outra ordem. Uma ordem de gostar de uma atividade estranha para os outros e prazerosa para ele. Um, indubitavelmente enorme problema de confronto externo, do esquisito, estranho e até bizarro. Mas, porque? Por qual convenção social?

Bem, para a terapeuta ocupacional que quer estar no lugar descrito por Benetton (1994), em principio esse gostar é o beneficio para iniciar uma terapia ocupacional que tem como pressuposto que a ação educativa é implícita à nossa função terapêutica e precisa de um desencadeante da experiência para se continuar experimentando, e, nisto está o gostar só do que se gosta para gostar de outros gostos.

Gostar de olhar máquina de lavar não ajuda a ninguém a se socializar. Lembrando que a palavra socialização tem origem na palavra "sócio" que significa associado, companheiro, aliado (Outhwaite & Bottomore, 1996) ao definir educação lembra:

"Se usarmos Socialização para nos referirmos à soma de práticas pelas quais novos indivíduos são transformados em membros de sociedades existentes, então "educação" é o subconjunto de práticas que têm como resultado pretendido tipos particulares de formação"

O processo terapêutico da terapia ocupacional geralmente se inicia por uma necessidade contextual: socialização. Esta necessidade nem sempre é óbvia para o sujeito, seus familiares e muitas vezes nem é clara para a equipe de tratamento ou mesmo o encaminhador. Mas, aquele menino sabia o que o fazia diferente, o que fazia a sua exclusão.

No Ceto trabalhamos em equipe de terapeutas ocupacionais. Mais ainda quando se trata da função educação, inerente a terapia ocupacional e nem um pouco neutra na nossa opinião. Um paciente atendido no CETO precisando de uma ampliação das ações no setting da terapia ocupacional para sua casa, estava morando sozinho e tinha no mesmo local seu atelier de trabalho. Este estava quase em desuso pela diminuição da capacidade emocional, funcional e relacional. A colega que o atendia solicitou que uma de nós fizesse a função de 4º termo (Benetton 1994) e o visitasse, procurando objetivar uma ação educativa-profissional iniciada no setting, na relação terapeuta-sujeito-atividades e que necessitava neste momento de uma inscrição social maior, ampliada. Tínhamos necessidade no CETO de um projeto estrutural da nossa sala de atividades. Já estava combinado e vinha sendo trabalhado no processo terapêutico que entre outros solicitaríamos um projeto para esse paciente. A única coisa que mudou foi a forma de fazer isso.

O encontro domiciliar programado foi para solicitar tal projeto, mas antes foi preciso conhecer outros trabalhos seus, outros projetos em andamento, muitos interrompidos pela dificuldade. Uma descrição antecipou uma discussão sobre sua própria moradia e sua profissão.

Tal visita desencadeou sem dúvida uma nova perspectiva para estes contextos. Anos mais tarde este paciente encontrando socialmente essa terapeuta "4º termo", perguntou se ela não se achou estranha naquele primeiro ambiente. Alias ele chegou a afirmar que pareceu a ele que ela estava mesmo estranha. Respondendo que não se sentiu estranha, acrescentou que talvez ele é quem poderia ter se sentido invadido ou simplesmente, diferente. Bem, a história aqui termina bem. Os dois chegam a conclusão que estranho, diferente ou não, esse primeiro encontro deu margem a outros como esse desse dia de festa e a continuidade de outros projetos, outros encontros, outras trocas.

O que terminou bem ou vem acontecendo melhor ainda, são as situações grupais experienciadas por este paciente. Apesar de ser hoje um profissional equilibrado e produtivo frequenta um grupo no CETO. Grupo de pacientes com diagnóstico médico-clínico diferentes, alguns deles bastante comprometidos, por isso e por ser o eu são, com necessidades particulares de uma nova inscrição de vida. Tanto no grupo como no lugar de amigo, visitante e cuidador, repete o lugar dessa terapeuta que o visitou mantendo e ampliando o campo de produção e relação de seus colegas. Esta construção ambiental ou "engenharia ambiental" (Tassara, 1991), nos lembra Allué (1996):

"Descer na terapia ocupacional, ao subsolo, foi uma das minhas primeiras atividades fora do andar, foi lá que estabeleci os primeiros contatos com eu novo universo, aquele dos deficientes físicos...Eu fui fiel durante dois anos, e acabei por lamentar o dia de minha partida...É um verdadeiro faz-tudo, às vezes fundo de loja, celeiro, sótão, ateliê...."

"Em terapia ocupacional, os doentes, como a equipe, foram para mim uma fonte de milhares de ensinamentos. Aprendi, de início, a observar os comportamentos, e também a respeitá-los...eu me reconciliei, parcialmente, com os adolescentes que foram acertados em cheio pela violência da estrada....-eram para mim (eu devo reconhecer, para minha vergonha), fonte de reconforto, de energia e de distração"

Essas autoras apontam para uma importante característica da terapia ocupacional onde é preciso fazer para experimentar, experienciar para viver. Nós estamos tratando da construção de um cotidiano (Benetton, Ferrari, Tedesco, 2004), da inscrição em um campo e para esta construção está a ação educativa da função da terapia ocupacional.

Em terapia ocupacional temos sempre uma proposta para instituir uma ligação entre o pensar e o fazer, entre o estar e o ser, entre o estar para o fazer e o fazer para o se sentir e ser. Esta ligação deve se desenvolver na relação a ser estabelecida entre as aquisições, as informações e a experimentação. As informações e aquisições são coletadas e observadas através do fazer.

Para Benetton (1994) esta observação é base do procedimento terapêutico. No setting da terapia ocupacional muitas vezes a referência objetiva é tudo aquilo que pode ser mostrado. Assim a autora define o olhar. É esse olhar que vai em busca das informações contidas nos procedimentos da realização de atividades. Essas informações, quando retidas, arquivadas como imagens, tornam-se referências para associações com as ocorrências atuais, tornando possível, através dos procedimentos construir uma trilha histórica. O olhar contextual é o instrumento que torna possível a construção de elos entre um fazer e outro; entre o mesmo jeito de fazer e um novo fazer, entre as possibilidades e as habilidades, sem perder de vista que muitas vezes as dificuldades são marcas permanentes.

O olhar da observação, coletor da informação, analítico e mesmo crítico, acompanha os movimentos determinados pelos indivíduos na realização de atividades. Assim começa a ser construídos os procedimentos educativos inerentes ao processo terapêutico.

Estes começam a ser construídos a partir da prática de realizar atividades. Neste sentido dois parâmetros devem ser estabelecidos o da aprendizagem e da educação propriamente dita. Se dissermos que a ação educativa em terapia ocupacional caracteriza-se fundamentalmente por considerar a cultura, o social, o indivíduo, as limitações, as dificuldades e conseqüente a isso a formação particularizada, o mesmo acontece com a ação inerente à educação que é a aprendizagem, que em terapia ocupacional tem por instrumento as atividades.

Quando recebemos um paciente indicado ou quando alguém nos procura porque quer fazer terapia ocupacional temos como procedimento padrão dentro do método terapia ocupacional dinâmico nos apresentar e apresentar a terapia ocupacional e o que pensamos dela. Seu alcance e possibilidades. De pronto apresentamos materiais e atividades possíveis de serem realizadas com eles e mesmo criadas. Muitas vezes por ter passado por muitas primeiras entrevistas o paciente se admira por não querermos saber de sua história de pronto. Explicamos que sua história será conhecida através do que fará conosco ou mesmo não nos importamos com a história antiga mas com aquela que ele vai compor conosco (trilhas associativas). O contrato para essa terapia ocupacional é de sempre fazer atividades.

É no como fazer que tem início o processo de aprendizagem, uma vez que consideramos a mobilização para esse processo como pertencente a ação aprendizagem. Temos que estar alertas desde aí da particularidade da formação. Para alguns basta Ter a consígnia de que estamos lá para que ele faça atividades, para outros é necessário até uma certa imposição. Essa imposição, nem que seja a título de experiência, para se saber quem quando faz.

Pois bem, é assim mesmo que queremos conhecer nosso sujeito alvo: o que faz, como faz, onde e quando faz. É justamente a observação e informações coletadas à partir daí que nos permite escolher as técnicas de ensino para cada sujeito e de cada atividade.

Por outro lado temos que nos lembrar que atividades e materiais encontram-se inscritas na relação triádica. Dessa forma o ensinar e aprender estão diretamente ligadas a dinâmica sustentação e apoio (transferência positiva, Benetton 1991) que a terapeuta ocupacional venha a manter nesse setting. Por isso ela tem que conhecer e saber ensinar tanto técnicas de realização de atividades, como ter uma formação e estudo em relação triádica.

Com isso poderá oferecer e sustentar as possibilidades do fazer, ensinando, educando e tratando, enfim desenvolvendo procedimentos terapêuticos que caracterizam a terapia ocupacional.

No CETO trabalhamos com o pressuposto de que para generalizar experiências clínicas, condição importante e necessária para a produção de conhecimento e do processo de formação de terapeutas ocupacionais, é preciso encontrar uma linguagem capaz de agir como estrutura para estes procedimentos, didaticamente denominado de técnicas no Método Terapia Ocupacional Dinâmica.

Essas técnicas descritas muitas vezes com muita simplicidade, como receitas básicas, assim o são desde que se leve em conta que existe por trás uma teoria da técnica e que nela existe a previsibilidade dos procedimentos particularizados na formação do sujeito.

O texto de ... completa nossa idéia...Para finalizar arriscamos uma complementação ao belo texto de Volich (2000). Na questão colocada: "Existe uma especialidade no cuidar" o autor lembra que o termo educar (*conduzir*) traz implícito uma vinculação. O termo terapêutica (*eu cuidar*) fala antes de tudo de alguém que se coloca junto àquele que sofre. Ambos os termos referem-se a uma relação amorosa. Referindo-se a função terapêutica e função educativa como uma condição estruturante da subjetividade, da fantasia e da relação com o outro, sendo assim, fundamental para o desenvolvimento do sujeito. O autor aponta que comum a situação terapêutica e ao educador está o cuidar.

O cuidar convoca portanto o terapeuta e o educador àquela experiência primordial de nossa história em que a superação do desamparo, da fragilidade e da desorganização depende primordialmente da presença de um outro humano. Como a mãe com o bebê, o cuidador é convocado ao exercício da função materna, podendo ser o outro que protege o discípulo ou o paciente diante de estímulos e situações que ele não é capaz de suportar e elaborar em um certo momento da vida. A função materna, tal como a compreendemos, constitui-se como paradigma do cuidar.

No encontro com o paciente ou com o aluno, todo terapeuta e todo educador passam inevitavelmente a fazer parte de seu universo de relações. Eles se constituem para os primeiros como objetos psíquicos, como seres passíveis de responder ao desconhecido, ao sofrimento e ao desamparo. Os destinos do ato terapêutico e do ato

educativo são determinados por essa transferência, descrita por Freud.

Em seu trabalho, o terapeuta e o educador são assim constantemente solicitados ao exercício de uma função de intérprete de sinais minimalistas e de níveis bastante primitivos de comunicação. Essas condições se constituem muitas vezes como verdadeiros pré-requisitos para atingir os objetivos aos quais normalmente eles se propõem. Nesse sentido, eles necessitam freqüentemente resgatar os mínimos indícios sensoriais, dos gestos, do olhar, do toque para que seja possível estabelecer com o paciente ou com o aluno uma relação que promova, antes de tudo, o desenvolvimento de recursos mais evoluídos de comunicação e de reação diante das dificuldades vitais, cotidianas do aprendizado ou da doença.

Particularizando para o processo da terapia ocupacional a ação educativa se institui na função terapêutica..

Referências bibliográficas

- BENETTON M.J.(1994), A Terapia Ocupacional como instrumento ns ações de Saúde Mental. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- BENETTTON M.J.; FERRARI, S.M.; TEDESCO, S. , Cotidiano: Discussão Conceitual e a Clínica da terapia ocupacional. **Revista do CETO**, no. 8, 2004.
- TASSARA E.
- ALLUÉ M. Sauver As Peau, **Editions Seli Arslam S A**, 1996.
- VOLICH R. M. (2000), O cuidar e o sonhar: Por uma outra visão da ação terapeutica e do ato educativo, **O Mundo da Saúde**, v.24, no.4, julho/agosto 2000, p.237-245.